

INTERTEXTUALIDADE ENTRE UM POEMA DRUMMONDIANO E OS GÊNEROS TEXTUAIS PROPAGANDA E NOTÍCIA JORNALÍSTICA: A CONTRIBUIÇÃO DAS TEORIAS PÓS-CRÍTICAS DE CURRÍCULO E DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Gisélia Evangelista de Sousa*¹

Renata Lemos Carvalho *²

RESUMO

O trabalho pretende mostrar como o entendimento e a prática das Teorias Pós-Críticas do Currículo e da Linguística Textual podem contribuir para que o texto possa efetivamente ser tratado como um lugar de interação. Para tanto, será feita a análise de uma propaganda e de uma notícia jornalística que dialogam com o poema drummondiano “No meio do caminho”, mostrando, assim, as contribuições da Linguística Textual para o estudo do texto, visto como mediador da interação entre interlocutores. Dessa forma, este trabalho justifica-se por apresentar como a intertextualidade pode ser trabalhada em sala de aula de modo a possibilitar a compreensão do texto de forma crítica e contextualizada.

Palavras-chave: Teorias pós-críticas de currículo; Linguística Textual; Intertextualidade.

ABSTRACT

This work aims to show how the understanding and the practice of the Post-Critical Theories of Curriculum and Textual Linguistics can contribute for the text can effectively be treated as a place of interaction. Therefore, the analysis will be made of an advertisement and a journalistic news that dialogue with the poem drummondiano "No meio do caminho", thus showing the contributions of Textual Linguistics for the study of the text, seen as a mediator of the interaction between speakers. This work is justified by presenting how intertextuality can be crafted in the classroom in order to facilitate understanding of the text in a critical and contextualized.

Keywords: Post-critical theories of curriculum; Textual Linguistics; Intertextuality.

1 INTRODUÇÃO

A grande quantidade de informações que são transmitidas a todo o momento apresenta-se em forma de textos. Os textos trabalhados pelos professores em sala de aula, na maioria das vezes, não são tratados como um lugar de interação. Sendo assim, os sentidos que são produzidos a partir deles se dão de maneira não contextualizada.

As Teorias Pós-Críticas do Currículo, ao tomar para si reflexões acerca da identidade, alteridade e subjetividade, dentre outras, e por incidir em alterações significativas na prática

¹ Mestranda em Língua e Cultura (UFBA), Especialista em Gramática e Texto (UNIFACS), Graduada em Letras com Inglês (UNIFACS), aluna do Curso de Pedagogia (UNIFACS). giselias_hct@hotmail.com

² Mestrado e Doutorado em Linguística (UFBA). É professora dos Cursos de Letras e Pedagogia da Universidade Salvador- UNIFACS. renata.carvalho@pro.unifacs.br

pedagógica, permitem que se observe uma relação entre ela e a Linguística Textual, visto que a primeira envolve um movimento dialógico entre os autores do processo educativo e a segunda entre o texto e o leitor deste.

Visando a demonstrar que o texto pode ser efetivamente um lugar de interação, utilizaremos como *corpus* uma propaganda e uma notícia da Revista *Istoé* acerca do roubo dos óculos na estátua do poeta, na cidade do Rio de Janeiro, que dialoga com um poema de Carlos Drummond de Andrade, num exemplo claro de intertextualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho fundamenta-se na Teoria Pós-Crítica do Currículo e na Linguística Textual (doravante LT), ramo da Linguística que tem como objeto de análise os textos, visto que neles ocorre a manifestação da linguagem.

2.1 As Teorias de Currículo

Segundo Silva (1996, p.23), o currículo pode ser entendido como:

[...] um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados.

Considerado o documento de identidade da instituição, o currículo sofreu mudanças em diferentes épocas, o que suscitou a formulação de teorias: as tradicionais, as críticas e as pós-críticas.

As primeiras, que são as concepções tradicionais, apresentam uma visão extremamente técnica, na qual a escola funciona como uma empresa, visando, portanto, a atingir os objetivos traçados e focando nos resultados. Tem suas bases epistemológicas nos princípios do Taylorismo, no qual se fazia uma análise científica do trabalho para verificar os movimentos, aproveitando os úteis e eliminando os inúteis. O conhecimento operário e a disciplina estavam sob o comando de uma gerência.

Tendo como principais teóricos Bobbitt (1918), Frederick Taylor (1911) e, mais recentemente, Tyler (1974), que retoma as ideias de Bobbitt de que a escola funciona com os mesmos princípios empresariais, essas teorias resultam em uma prática na qual os alunos são encarados como produtos de fábrica, sendo-lhes transmitidos, de forma descontextualizada,

conteúdos acumulados como se fossem verdades absolutas, as quais eles devem reproduzir na íntegra.

As teorias críticas têm como foco o que o currículo faz e não apenas os resultados. Entendem que o currículo é fonte e espaço de poder, mas o saber deve ser desvinculado das relações de poder, preocupando-se com um saber universal da humanidade.

Suas bases epistemológicas foram influenciadas pela escola de Frankfurt e pelas teorias sociais de Henry Giroux em *Escola Crítica e Política Cultural* (1987) e Michael Apple em *Ideologia e Currículo* (1979) que entendem que o currículo não é simplesmente uma transmissão de conhecimentos objetivos e as instituições podem ser mais humanas e educativas. Além desses dois teóricos, destaca-se, no Brasil, o educador Paulo Freire, com a obra *Pedagogia do Oprimido* (1968).

As teorias críticas compreendem que a escola é quem deve selecionar o que é importante a ser transmitido às gerações a partir da experiência humana, ou seja, ocorre uma interação entre o conteúdo e a realidade do aluno.

A visão crítica desloca a ênfase do pedagógico para o ideológico e acredita que a sociedade capitalista se vale da educação para propagar a sua ideologia. Sugere a reflexão, problematização e transformação. Assim sendo, dá ênfase à ideologia, à reprodução cultural, ao poder, à classe social, ao capitalismo, às relações sociais de produção, à conscientização, à emancipação e à libertação, bem como ao currículo oculto e à resistência.

As teorias pós-críticas, destacadas neste trabalho, não consideram que existe uma verdade absoluta e total e refletem sobre questões identitárias, incorporando temas como gênero e sexualidade. Seus principais teóricos são Jean François Lyotard com *O pós-moderno* (1993) e Michel Foucault com *Vigiar e Punir* (2003), que, além de defenderem a superação da verdade total e absoluta, enfatizam a diversidade cultural.

Essa concepção enfatiza os discursos que estão implícitos sobre o que se diz da realidade, enfocando, principalmente, a discussão sobre identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação, discurso, saber-poder, gênero, cultura, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo.

Na perspectiva das Teorias Pós-Críticas, o conteúdo curricular que será aplicado no espaço escolar não pode ser visto com um olhar inocente, devendo, portanto, existir uma reflexão, para que tais conteúdos sejam trabalhados de forma significativa e contextualizada.

Segundo Moreira e Candau (2008, p.17):

Diferentes fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem, assim, para que o currículo venha ser entendido como:

- (a) Os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- (b) As experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;

E é pensando no que deve ser ensinado e aprendido e nas experiências de aprendizagem que os alunos podem vivenciar ao entender e trabalhar o texto como um lugar de interação, não apenas como um código, que apresentamos este trabalho.

2.2 A Linguística Textual

A LT passou por momentos distintos. No primeiro, o da análise transfrástica, que vai da década de 60 até a década de 70, a preocupação era estudar as relações que se podiam estabelecer entre diversos enunciados de uma sequência.

A gramática textual caracteriza o segundo momento e tem a intenção de refletir acerca de fenômenos linguísticos que não podem ser facilmente explicados na gramática do enunciado. Se qualquer falante é capaz de produzir um texto e percebê-lo como coerente e não um aglomerado de frases incoerentes, é porque possui uma competência específica, a competência textual. Por essa razão, justifica-se a construção de uma gramática textual, cujas principais atribuições são: a determinação de princípios de constituição responsáveis pela coerência textual; os critérios a serem levantados para que o texto seja delimitado e a diferenciação de realidades textuais.

O contexto pragmático, na segunda metade da década de 70, no qual ocorrerá a investigação do texto até o contexto, caracteriza o terceiro momento e leva ao surgimento das teorias de textos.

Os mecanismos e estratégias de ordem cognitiva responsáveis pela construção de sentidos e pelo processamento textual surgem na década de 80 e, a partir daí, uma nova concepção de texto, além dos princípios de construção textual de sentido: a coesão e a coerência (critérios centrados no texto), a situacionalidade, a informatividade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade (critérios centrados nos usuários ou interlocutores). Veremos, adiante, um tópico acerca da coerência e outro sobre a intertextualidade, tema deste trabalho.

Vale salientar que a intertextualidade, não apenas na LT, mas também em outros campos, como a Teoria da Literatura, de onde o termo surgiu na década de 60, introduzido por Júlia Kristeva, tem sido um dos temas mais discutidos.

2.2.1 As concepções de texto

Como o objeto da LT, conforme já dissemos, é o texto, cabe aqui fazer uma definição desse termo.

Podem-se encontrar diversas concepções de texto. Na de base gramatical, o texto é entendido como signo linguístico e encontra-se no nível mais alto dentro da hierarquia do sistema linguístico. Na de base semiótica, ele é visto como um signo complexo. Têm-se, ainda, as concepções de texto como um discurso “congelado”; como expansão de temas em macroestruturas; como meio específico de realização da comunicação verbal; como processo cognitivo, e como lugar de interação, tendo como base as respectivas teorias: a discursiva, a semântica, a comunicativa, a cognitivista e a sociocognitiva-interacional. Comungaremos, neste trabalho, com a concepção de texto de que ele é uma unidade teoricamente reconstruída e um lugar de interação, “[...] extremamente complexo e multifacetado” (KOCH, 2007, p.13).

2.2.2 A coerência textual

Conforme Beaugrande e Dressler (1981), a coerência é a forma como os elementos subjacentes ao aspecto textual penetram em uma configuração veiculadora de reconhecimentos. Mas é a concepção atual de Koch (2004), de que a coerência é um fenômeno semântico, que utilizaremos neste trabalho.

Dentre os fatores que contribuem com o estabelecimento da coerência em um texto, temos: a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade, que pressupõem um conhecimento prévio do tema. O último fator mencionado é o foco deste artigo.

É importante destacar que não só os conhecimentos prévios são importantes no processamento textual e para o estabelecimento da coerência, mas também o conhecimento partilhado entre os interlocutores, pois são eles que irão determinar, por exemplo, o equilíbrio entre o que precisa ser dito e o que pode ficar oculto no texto.

3 A INTERTEXTUALIDADE

A referência a outros textos, que pode ser explícita, quando há menção do autor, ou implícita, quando não ocorre a identificação do autor e culmina com um diálogo entre os textos, é o que chamamos de intertextualidade. A intertextualidade entende as várias formas pelas quais a produção de um determinado texto está subordinada ao conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores e tem sido um dos maiores temas explorados pela LT.

Os textos aqui referidos são tomados num sentido amplo, podendo ser orais, escritos imagéticos. São encontrados em músicas, cinema, propagandas, tirinhas e outros.

Segundo Koch e Travaglia (1989, p. 88), dentre os vários tipos de intertextualidades, existe:

[...] a que se liga ao conteúdo (por exemplo, matérias jornalísticas que se reportam a notícias veiculadas anteriormente na imprensa falada e/ou escrita: textos literários ou não-literários que se referem a temas ou assuntos contidos em outros textos etc.). Podem ser explícitas (citações entre aspas, com ou sem indicação da fonte) ou implícitas (paráfrases, paródias etc.)

Para que o receptor perceba a ocorrência da intertextualidade, é necessário o “conhecimento de mundo”, que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor de textos.

Como é preciso que haja o reconhecimento de remissões a obras ou a textos e ainda a capacidade para interpretar a função de uma citação, evidentemente, tem-se um universo cultural muito vasto e complexo. Desse universo amplo, podemos citar a remissão a textos da mídia, propaganda, *outdoors*, marcas de produtos, textos geralmente utilizados por autores da contemporaneidade. Neste trabalho, focaremos a nossa análise nos gêneros textuais propaganda e matéria jornalística.

Vale salientar que comungaremos com a afirmação de Maingueneau (1976: 39) citado por Koch (2007: p.14) de que “[...] um discurso não vem ao mundo numa solitude, mas constrói-se a partir de um já-dito em relação ao qual toma posição”.

Assim sendo, ao analisarmos os intertextos, procuraremos observar também a polifonia, ou seja, as vozes que ouviremos além daquilo que está sendo dito.

4 O POEMA DRUMONDDIANO X PROPAGANDA

O poema *No meio do caminho*, publicado pela primeira vez em 1928, na modernista *Revista de Antropofagia*, já naquela época, provocou polêmica por causa das várias repetições e pela estrutura sintática do verso "tinha uma pedra", em lugar de "havia uma pedra". O poema de Drummond nasceu de uma intertextualidade com o poema ¹ *Nel mezzo del camin*, que, por sua vez, dialoga com o primeiro verso da *Grande Comédia*, de Dante Alighieri ², *Nel mezzo del cammin de nostra vita*, e até hoje possui uma enorme gama de gêneros textuais que dialogam com ele.

Vejamos o poema:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

Consideremos, agora, uma propaganda de um projeto de educação ambiental, patrocinado pela empresa de turismo³ *Soletur* e orientado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), que traz o texto a seguir:



Figura 1

No meio do caminho
Tinha uma pedra
E uma ponta de cigarro
E uma lata
E um saco plástico
E até cacos de vidro.

Este texto dialoga com o poema anterior, logo podemos afirmar que existe intertextualidade implícita com valor de *subversão*, pois, além de o autor do poema *No meio do caminho* não ser mencionado, “a descoberta do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido” (KOCH, BENTES, CAVALCANTI, 2007, p.31). Nesse caso, se não ocorrer tal descoberta, a construção do sentido poderá ser dificultada.

Isso significa que aquele que tem o conhecimento prévio do poema pode fazer a remissão imediatamente e perceber que um texto dialoga com o outro. No entanto, se a identificação de referências ao poema drummondiano não ocorrer, torna-se difícil para o leitor atribuir um novo sentido ao texto da propaganda.

É importante destacar que mesmo que essa nova produção apresente uma clara identificação com o texto-fonte, ocorre indiscutivelmente uma alteração de sentido, visto que o novo texto estará inserido em um novo contexto em relação ao texto-fonte.

A propaganda em questão é um apelo à comunidade, para que se preocupe mais com o impacto que a poluição ambiental vem causando ao planeta. Verifica-se, portanto, no ali dito, a existência de um discurso ecológico, e assim, outras vozes podem ser ouvidas.

Nessa perspectiva, o que consideramos mais importante é que a intertextualidade não tenha valia apenas para que a fonte do texto seja identificada, mas, acima de tudo, para que a leitura seja enriquecida e o seu reconhecimento auxilie na construção de sentido do texto.

5 POEMA DRUMMONDIANO X NOTÍCIA JORNALÍSTICA

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, lavrada em bronze pelo mineiro Leo Santana e que se encontra no calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro, desde 2002, é um atrativo a mais para turistas e curiosos, que fazem filas ao seu lado para tirar fotos ou apenas olhar a paisagem na companhia do ilustre poeta.

No entanto, um fato curioso, que já se repete pela oitava vez, desde que ela foi inaugurada, é o roubo dos óculos do poeta. A cada roubo, jornais de grande circulação noticiam o fato com manchetes diversas. Dentre estas, uma chama a atenção. Vejamos:



Figura 2

No meio do caminho tinha um ladrão

A cidade do Rio de Janeiro gastou três mil para comprar novos óculos para a estátua de Carlos Drummond de Andrade, na praia de Copacabana, A peça feita de ferro fundido e banhada em bronze havia sido roubada pela quarta vez no dia 23 de abril.

Neste texto, ao dar a notícia de uma ação de vandalismo com um enunciado irônico, o autor aproveita o fato de que o roubo ocorreu à estátua do poeta e, intencionalmente, vale-se do recurso da intertextualidade implícita, também com valor de subversão, para intitular sua manchete.

Note-se que, neste caso, apesar de a intertextualidade encontrar-se apenas na manchete da notícia, não ocorrendo mais nenhuma referência ao poema no conteúdo da notícia, é possível considerar o exemplo também como uma intertextualidade explícita, visto que o nome do poeta Carlos Drummond de Andrade aparece no corpo da notícia.

Outro fato que justifica a explicitação da intertextualidade é o recurso semiótico que nos é apresentado, pois a imagem da estátua do poeta aparece ao lado do texto escrito. Isto permite ao leitor, além de dialogar com a manchete da notícia, dialogar também com a imagem, podendo, assim, buscar em sua memória discursiva referências para a identificação do poema.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises feitas, constata-se a importância de o futuro professor conhecer as teorias da linguagem e as teorias do currículo, a fim facilitar seu trabalho com textos em sala de aula, visto que é notória a importância de entender os discursos que estão implícitos sobre o que se diz da realidade.

Considerando que a LT tem por objeto de estudo o texto e que este é tecido por um coro de vozes, faz-se necessário percebê-las, a fim de compreender como se dá a construção do sentido textual.

O conhecimento partilhado e de mundo, ao qual se acrescentam as informações novas, e ainda a observação dos não ditos implícitos no texto, contribuem para o aprendizado mais sustentável e eficaz do uso da língua portuguesa.

Com tais análises, espera-se contribuir para a construção de um novo pensamento dos professores a respeito da língua em seu contexto pragmático, pois ao trabalhar com textos, de modo mais reflexivo, visando a identificação dos fatores de contextualização, os leitores provavelmente terão um interesse maior e um aguçamento do seu senso crítico. Isso se dá, em grande parte, devido ao conhecimento e à aplicação das teorias pós-críticas do currículo e do auxílio da LT e dos seus elementos de textualidade.

Nesta perspectiva, verifica-se que a leitura é um processo no qual o leitor precisa realizar o trabalho de construção do significado do texto, de forma ativa. Sendo assim, os objetivos do leitor, o conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, enfim, de tudo o que se sabe sobre o tema contribuem para a construção do sentido.

Não é o caso simplesmente de “extrair” a informação do texto, ou seja, decodificá-lo, mas de um processo que implica, necessariamente, compreensão. Portanto, a busca pela construção de sentido é arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto pistas para fazê-lo compreensível, como propõe a Linguística Textual.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. In: APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FÁVERO, Leonor L; KOCH, Ingedore G. V. **Linguística textual: introdução**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1968.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, Ingedore G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo, Cortez, 1989.

_____. **A coerência textual**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. Contexto, 2008, p.157-165.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

REVISTA *Istoé*. São Paulo: Três, nº 2014, jun. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

¹ *Nel mezzo del camin* é um soneto de autoria do poeta Olavo Bilac, publicado em Poesias (1888)

² *Nel mezzo del camin de nostra vita* é o primeiro verso do Canto I da Grande Comédia, de Dante Alighieri, escrito provavelmente entre 1307 e 1308.

³ A Soletur foi uma empresa brasileira criada em 1964, por Carlos Augusto Guimarães Filho, que atuou no ramo do turismo até a sua falência, em 2001. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Soletur>. Acesso em: 17 jun.2013